

A propaganda imperialista e a ideologia da *intelligentsia* da esquerda ocidental

Do anticomunismo e a política identitária às ilusões democráticas e o fascismo

Imperialist propaganda and the ideology of the Western left *intelligentsia*

From anticommunism and identity politics to democratic illusions and fascism

gabriel rockhill*

zhao dingqi**

► DOI: <https://doi.org/10.4322/principios.2675-6609.2024.169.008>



Congresso pela Liberdade Cultural, uma das frentes de atuação da CIA no período da Guerra Fria. Na foto, sessão do Congresso em junho de 1950, em Berlim

RESUMO

O texto que segue é a tradução de uma entrevista originalmente veiculada em chinês no v. II de *World Socialism Studies* e publicada em inglês na revista nova-iorquina *Monthly Review*, v. 75, nº 7, de dezembro de 2023. Nela, Gabriel Rockhill, professor de Filosofia da Universidade de Villanova (Pensilvânia), conversa com Zhao Dingqi, pesquisador do Instituto de Marxismo da Academia Chinesa de Ciências Sociais e editor da revista *World Socialism Studies*. Na pauta, temas como as estratégias e os aparelhos ideológicos do imperialismo; o estágio e as tarefas atuais da teoria marxista; as tendências multiculturalistas hoje predominantes nas lutas e articulações sociais do mundo ocidental; o crescimento planetário do neofascismo; e as táticas para resistir à hegemonia ideológica das classes dominantes, entre outros temas.

Palavras-chave: Marxismo. Imperialismo. Propaganda. Extrema direita. Esquerda ocidental.

ABSTRACT

The following text is the translation of an interview originally published in Chinese language in v. II of *World Socialism Studies*. It was translated into English for *Monthly Review*, v. 75, nº 7, December 2023. In the interview, Gabriel Rockhill, professor of Philosophy at Villanova University (Pennsylvania), talks with Zhao Dingqi, researcher at the Institute of Marxism of the Chinese Academy of Social Sciences (CASS) and editor of *World Socialism Studies*. On the agenda, topics such as the strategies and ideological apparatuses of imperialism; the current stage and tasks of Marxist theory; the multiculturalist tendencies currently predominant in the struggles and social movements of the Western world; the planetary growth of neo-fascism; and the tactics to resist the ideological hegemony of the dominant classes, among other topics.

Keywords: Marxism. Imperialism. Propaganda. Far right. Western left.

Zhao Dingqi: Durante a Guerra Fria, como a Agência Central de Inteligência dos EUA (CIA) levou a cabo a chamada “guerra fria cultural”? Quais atividades o Congresso pela Liberdade Cultural da CIA realizou e que impacto elas tiveram?

Gabriel Rockhill: A CIA empreendeu, juntamente com outras agências estatais e fundações das principais empresas capitalistas, uma guerra fria cultural multifacetada destinada a conter — e, em última análise, fazer recuar e destruir — o comunismo. Essa guerra de propaganda se deu no âmbito internacional e teve muitos aspectos diferentes, dos quais apenas alguns serão abordados a seguir. Como ponto de partida, é importante notar que, apesar do extenso alcance dessas batalhas e dos amplos recursos destinados a elas, muitas foram perdidas ao longo da guerra. Para citar apenas um exemplo recente que demonstra como esse conflito persiste até hoje, Raúl Antonio Capote revelou no seu livro de 2015 que trabalhou durante anos para a CIA nas campanhas de desestabilização promovidas contra Cuba, visando a intelectuais, escritores, artistas e estudantes. No entanto, sem conhecimento da agência governamental, referida como “a Companhia”, o professor universitário cubano que ela astutamente induzira a promover seus truques sujos estava na verdade enganando os presunçosos mestres espíões: ele trabalhava secretamente para a inteligência cubana (Capote, 2015). Esse é apenas um dentre muitos indícios de que a CIA, apesar das suas várias vitórias, em última análise vem travando uma guerra que se mostra difícil de vencer, dado que a agência pretende impor uma ordem mundial que prejudica a esmagadora maioria da população mundial.

Uma das peças centrais da guerra fria cultural foi o Congresso pela Liberdade Cultural (Congress for Cultural Freedom — CCF), que em 1966 revelou-se como uma das frentes de atuação da CIA¹. Hugh Wilford, que pesquisou extensivamente o tema, descreveu o CCF como nada menos que um dos maiores patrocinadores da arte e da cultura na história do mundo (Wilford, 2008). Criado em 1950, o congresso promoveu na cena internacional o trabalho de acadêmicos colaboracionistas, como Raymond Aron e Hannah Arendt, em detrimento de rivais marxistas, incluindo Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir.

O CCF tinha escritórios em 35 países, mobilizou um exército de cerca de 280 funcionários, publicou ou apoiou por volta de 50 revistas de prestígio em todo o mundo e organizou inúmeras exposições artísticas e culturais, bem como concertos e festivais internacionais. Durante a sua existência, o CCF também planejou ou patrocinou cerca de 135 conferências e seminários internacionais, trabalhando com no mínimo 38 instituições, e publicou pelo menos 170 livros. Seu serviço de imprensa, o Forum Service, veiculou, gratuitamente e para todo o mundo, reportagens de seus venais intelectuais em 12 línguas, somando 600 jornais e 5 milhões de leitores. O diretor dessa vasta rede global, Michael Josselson, denominava-a “nossa grande família” — expressão que remete à Máfia. Com sede em Paris, o CCF tinha à sua disposição uma câmara de eco internacional para amplificar a voz de intelectuais, artistas e escritores anticomunistas. Seu orçamento em 1966 era de US\$ 2.070.500, o correspondente a US\$ 19,5 milhões em valores de 2023.

¹ As informações contidas nesse parágrafo e nos seguintes foram compiladas com base em múltiplas fontes, incluindo pesquisa em arquivos, documentos obtidos por numerosos pedidos de acesso à Lei da Liberdade de Informação e obras como: Agee e Wolf (1978); Charpier (2008); Cline (1976); Coleman (1989); Francovich (2017); Grémion (1995); Marchetti e Marks (1974); Saunders (2000); Scott-Smith (2002); Stockwell (1991); Wilford (2008).



Sede da CIA em Langley, Virgínia (EUA)

A “grande família” de Josselson era, no entanto, apenas uma pequena parte daquilo que Frank Wisner, da CIA, chamava de seu “poderoso Wurlitzer”: uma *jukebox* internacional com programação midiática e cultural controlada pela “Companhia”.

Para citar apenas alguns exemplos desse gigantesco quadro de guerra psicológica, Carl Bernstein reuniu provas abundantes de que pelo menos 400 jornalistas estadunidenses trabalharam clandestinamente para a CIA entre 1952 e 1977 (Bernstein, 1977). Após essas revelações, o jornal *The New York Times* empreendeu uma investigação de três meses e concluiu que a CIA incorporava mais de 800 profissionais e organizações de notícias e de informação pública (Crewdson, 1977). Essas duas denúncias foram publicadas nos próprios veículos de comunicação sob escrutínio, o que leva a crer que os dados são subestimados.

Arthur Hays Sulzberger, diretor do *The New York Times* de 1935 a 1961, trabalhou tão estreitamente com a agência que um acordo de confidencialidade (o mais alto nível de colaboração) foi firmado entre as partes. A Columbia Broadcasting System (CBS), do empresário William Paley, foi inquestionavelmente o maior trunfo da CIA no campo audiovisual. A rede tinha relações tão próximas com “a Companhia” que instalou uma linha telefônica direta para a sede da CIA, sendo que as ligações feitas não passavam pela operadora central. A Time Inc., do magnata Henry Luce, foi a colaboradora mais poderosa entre os veículos de circulação semanal e mensal (incluindo as revistas *Time* — onde Bernstein mais tarde passaria a escrever —, *Life*, *Fortune* e a famosa *Sports Illustrated*). Luce concordou em contratar agentes da CIA como jornalistas, disfarce que se tornaria muito comum. Como viemos a saber por meio da Task Force on Greater CIA Openness (força-tarefa para uma maior transparência da CIA), organizada em 1991 sob a chancela do diretor da agência, Robert Gates, esses tipos de prática continuaram

inabaláveis após as revelações mencionadas acima. O PAO — Public Affairs Office (Escritório de Assuntos Públicos), da CIA — tinha relações com repórteres de todas as principais agências de notícias, jornais, semanários e redes de televisão do país. Em muitos casos, os repórteres foram persuadidos a adiar, alterar, reter ou mesmo descartar matérias (Task Force on Greater CIA Openness, 1991).

A CIA também conseguiu controlar a American Newspaper Guild e tornou-se proprietária de serviços de imprensa, revistas e jornais que usava como cobertura para seus agentes (Crewdson, 1977). A agência destacou funcionários para outros serviços de imprensa, como a Latin, Reuters, Associated Press e United Press International. William Schaap, especialista em desinformação governamental, testemunhou que a CIA possuía ou controlava cerca de 2,5 mil entidades de comunicação social em todo o mundo. Além disso, entre seus colaboradores havia jornalistas e editores altamente influentes, em praticamente todas as principais organizações de comunicação social (Pepper, 2018, p. 186). “Sempre tínhamos pelo menos um jornal em cada capital estrangeira”, contou um informante da CIA, de acordo com o jornalista John Crewdson. Segundo a fonte, a agência infiltrou agentes ou funcionários pagos nas empresas de que não era proprietária ou que não subsidiava fortemente, para que publicassem matérias de interesse da agência, em vez das que lhe fossem consideradas prejudiciais (Crewdson, 1977). Na era digital, esse processo evidentemente continuou. Yasha Levine, Alan MacLeod e outros acadêmicos e jornalistas detalharam o extenso envolvimento da Segurança Nacional dos EUA com as grandes empresas de tecnologia e os meios de comunicação social. Eles demonstraram, entre outras coisas, que operadores de inteligência ocupam posições-chave no Facebook, no X (antigo Twitter), no TikTok, no Reddit e na Google (Levine, 2018; MacLeod, 2022a; 2022b; 2022c; 2022d).

A CIA também se infiltrou profundamente na intelectualidade profissional. Quando a Comissão Church divulgou seu relatório sobre a comunidade de inteligência dos EUA, em 1975, a agência admitiu que teve contato com “vários milhares” de acadêmicos em “centenas” de instituições — e nenhuma reforma desde então a impediu de manter ou expandir essas práticas, como confirmado pelo “Memorando Gates”, de 1991, acima mencionado². Os institutos de estudos russos de Harvard e Columbia, tais como o Instituto Hoover, de Stanford, e o Centro de Estudos Internacionais do MIT, foram desenvolvidos com apoio direto e supervisão da CIA (Chomsky et al., 1997; Diamond, 1992; Rodney, 2018; Simpson, 1996). Um pesquisador da New School for Social Research recentemente chamou a minha atenção para uma série de documentos que confirmam o envolvimento do hediondo projeto MK Ultra, da CIA, com pesquisas realizadas em ao menos 44 faculdades e universidades. Sabemos que pelo menos 14 universidades participaram da infame operação Paperclip, responsável por trazer cerca de 1,6 mil cientistas, engenheiros e técnicos nazistas para os Estados Unidos³. O MK Ultra, para quem não está familiarizado com ele, foi um programa da agência que envolvia experiências sádicas de lavagem cerebral e tortura em que eram administrados aos participantes, sem o consentimento deles, altas doses de drogas psicoativas e outros produtos químicos, em combinação com eletrochoques, hipnose, privação sensorial, abuso verbal e sexual e outras formas de tortura.

A CIA também esteve profundamente envolvida no mundo artístico. Promoveu, por exemplo, a arte nacional, particularmente o expressionismo abstrato e a cena artística

² O relatório da Comissão Church foi rigorosamente controlado e supervisionado pela própria CIA, e por isso é altamente provável que os números reais sejam bem mais altos do que os apresentados.

³ Uma grande coleção de documentos que detalham esses casos está disponível em Greenwald (2019).

de Nova York, em detrimento do realismo socialista (Rockhill, 2014a). Também financiou exposições, apresentações musicais e teatrais, festivais internacionais e muito mais, numa tentativa de disseminar o que era alardeado como a arte livre do Ocidente. “A Companhia” trabalhou nesses empreendimentos em estreita colaboração com grandes instituições artísticas. Para citar apenas um exemplo revelador, um dos principais oficiais da CIA envolvidos na guerra fria cultural, Thomas Braden, foi secretário-executivo do Museu de Arte Moderna (MoMA) antes de ingressar na agência. Um dos presidentes do MoMA foi Nelson Rockefeller, que se tornou um supercoordenador de operações clandestinas de inteligência e permitiu que o Fundo Rockefeller canalizasse dinheiro para a CIA. Entre os diretores do MoMA, encontra-se René d’Harnoncourt, que durante a guerra trabalhou para a agência de inteligência de Rockefeller dedicada à América Latina durante a guerra. John Hay Whitney, do museu de mesmo nome, e Julius Fleischmann fizeram parte do conselho de administração do MoMA. O primeiro havia trabalhado para a organização antecessora da CIA, o Gabinete de Serviços Estratégicos (OSS), e permitiu que sua instituição de caridade também fosse usada como canal de dinheiro para a agência. O segundo foi presidente da Fundação Farfield, da CIA. William Paley, o presidente da CBS e uma das principais figuras dos programas de guerra psicológica dos EUA, incluindo os da CIA, fazia parte do conselho de membros do Programa Internacional do MoMA. Como indica essa teia de relações, a classe dominante capitalista trabalha em estreita colaboração com a Segurança Nacional dos EUA no intuito de controlar firmemente o aparelho cultural.

Já foram escritos muitos livros sobre o envolvimento do Estado americano com a indústria do entretenimento. Matthew Alford e Tom Secker demonstraram que o Departamento de Defesa esteve envolvido no patrocínio — com completo e absoluto poder de censura — de pelo menos 814 filmes, com a CIA envolvida em pelo menos 37, e o FBI, em 22 (Alford; Secker, 2017). Em relação a programas de TV, alguns dos quais já antigos, o Departamento de Defesa está relacionado a 1.133, a CIA, a 22, e o FBI, a 10. Para além desses casos quantificáveis, existe, claro, a relação qualitativa entre a Segurança Nacional e Hollywood. John Rizzo explicou isso em 2014: há muito a CIA mantém uma relação especial com a indústria do entretenimento, dedicando atenção considerável à criação de vínculos com os grandes nomes de Hollywood — executivos de estúdios, produtores, realizadores, atores de renome (Alford; Secker, p. 49). Tendo servido como conselheiro-adjunto e conselheiro-geral interino da CIA durante os primeiros nove anos da famigerada guerra contra o terror — período durante o qual esteve intimamente envolvido na supervisão dos programas globais de rendição, tortura e assassinato por *drones* —, Rizzo estava bem posicionado para compreender como a indústria cultural poderia dar cobertura à carnificina imperial.

Essas e muitas outras atividades revelam uma das principais características do império dos EUA: é um verdadeiro império dos espetáculos. Um dos seus principais focos é a disputa por corações e mentes. Para esse fim, os Estados Unidos estabeleceram uma infraestrutura global expansiva, a fim de se envolver na guerra psicológica internacional. O domínio quase absoluto que exercem sobre os principais meios de comunicação tem sido claramente visível no recente esforço do país para angariar apoio à sua guerra por procuração contra a Rússia na Ucrânia. O mesmo se aplica à sua virulenta propaganda anti-China, 24 horas por dia, sete dias por semana. No entanto, graças ao trabalho de valentes ativistas e ao fato de os EUA trabalharem contra a própria realidade, o império dos espetáculos é incapaz de controlar completamente a narrativa (Collon; Test Media International, 2023).

ZD: Você menciona num dos seus artigos que os agentes da CIA se interessaram em ler as teorias críticas francesas de Michel Foucault, Jacques Lacan, Pierre Bourdieu e outros. Qual é a razão desse fenômeno? Como você avalia a teoria crítica francesa?

GR: Uma frente importante na guerra cultural contra o comunismo tem sido a guerra mundial intelectual, que é o tema de um livro que estou terminando para a *Monthly Review Press*. A CIA teve um papel muito significativo, mas outras agências governamentais e fundações da classe dominante capitalista também o tiveram. O objetivo geral é desacreditar o marxismo e minar o apoio às lutas anti-imperialistas e ao socialismo real.

A Europa Ocidental tem sido um campo de batalha particularmente importante. Os Estados Unidos emergiram da Segunda Guerra Mundial como a potência imperial dominante. A fim de tentar exercer a hegemonia global, os EUA pretenderam inscrever como parceiros menores as antigas potências imperialistas da Europa Ocidental, bem como o Japão, no Leste. Contudo, isso se revelou particularmente difícil em países como a França e a Itália, que tinham partidos comunistas robustos e vibrantes. A Segurança Nacional dos EUA lançou, portanto, um ataque multifacetado para se infiltrar em partidos políticos, sindicatos, organizações da sociedade civil e nos principais meios de comunicação e informação (Wilford, 2008). Os Estados Unidos chegaram ao cúmulo de criar exércitos secretos de prontidão abastecidos com fascistas, e planejaram golpes militares para o caso de os comunistas conseguirem chegar ao poder por via das urnas. Esses exércitos foram posteriormente ativados na estratégia de tensão pós-1968: eles cometeram ataques terroristas contra a população civil que foram atribuídos aos comunistas (Ganser, 1992).

Na frente mais explicitamente intelectual, a poderosa elite dos EUA apoiou o estabelecimento de novas instituições educativas e redes internacionais de produção de conhecimento claramente anticomunistas, na esperança de desacreditar o marxismo. Essa mesma elite proporcionou a ascensão — ou seja, a promoção e a visibilidade — de intelectuais que eram abertamente hostis ao materialismo histórico e dialético, ao mesmo tempo que conduzia hediondas campanhas de difamação contra figuras como Sartre e Beauvoir (Saunders, 2006).

É precisamente nesse contexto que a teoria francesa deve ser entendida, pelo menos parcialmente, como produto do imperialismo cultural dos EUA. Os pensadores afiliados a tal tendência — Foucault, Lacan, Gilles Deleuze, Jacques Derrida e muitos outros — foram associados de várias maneiras ao movimento estruturalista, que se definiu em grande medida pela oposição ao filósofo mais proeminente da geração anterior: Jean-Paul Sartre⁴. A orientação marxista deste último a partir de meados da década de 1940 foi amplamente rejeitada, e o anti-hegelianismo — uma alcunha para o antimarxismo — tornou-se a ordem do dia. Foucault, para citar apenas um exemplo revelador, tachou Sartre de “o último marxista” e afirmou que ele era um homem do século XIX, em descompasso com os tempos (antimarxistas) atuais, representados por Foucault e outros teóricos da sua estirpe (Foucault, 1994, p. 542)⁵.

Embora alguns desses pensadores tenham ganhado notoriedade significativa na França, foi a promoção nos Estados Unidos que os catapultou para o cenário internacional, tornando-os leitura obrigatória para a intelectualidade global. Num artigo recente da *Monthly Review*,

⁴ O termo *poststructuralism* (pós-estruturalismo) é, em muitos aspectos, uma invenção anglófona, uma vez que, no contexto francês (pelo menos originalmente), os chamados pós-estruturalistas eram vistos como seguidores e impulsionadores — embora de maneiras ligeiramente diferentes — do projeto estruturalista.

⁵ Para mais sobre Foucault, ver Rockhill (2020a).

Em vez de se reconhecer, por exemplo, que as formas de identidade racial, nacional, étnica, de gênero, sexual e afins são construções históricas que variaram ao longo do tempo e que resultaram de forças materiais específicas, elas são naturalizadas e tratadas como base inquestionável para os círculos eleitorais. Tal essencialismo serve para obscurecer as forças materiais que operam por trás dessas identidades, bem como as lutas de classe travadas em torno delas

identifiquei algumas das forças políticas e econômicas que estavam por trás do evento que é amplamente reconhecido como o inaugurador da era da teoria francesa: a conferência de 1966 na Universidade Johns Hopkins, em Baltimore, que reuniu pela primeira vez muitos desses pensadores (Rockhill, 2023b, p. 9-49). A Fundação Ford, que cofinanciava o CCF com a CIA e que mantinha muitos laços íntimos com os esforços de propaganda da agência, financiou a conferência e outras atividades paralelas com US\$ 36 mil (US\$ 339 mil em valores atuais). Essa quantia é extraordinária para uma conferência universitária — sem mencionar o fato de a cobertura do evento ter sido realizado pela *Time* e pela *Newsweek*, um feito praticamente inédito em ambientes acadêmicos como esses⁶.

As fundações capitalistas, a CIA e outras agências governamentais estavam interessadas em promover um trabalho “radicalmente chique”, que viesse a substituir o marxismo. Como não podiam simplesmente destruir essa escola de pensamento, procuraram promover novas teorias que pudessem ser vendidas como vanguardistas e críticas — embora desprovidas de qualquer substância revolucionária — a fim de enterrar o marxismo, dado como ultrapassado. Como sabemos agora graças a uma investigação da CIA de 1985 sobre o tema, a agência ficou encantada com as contribuições do estruturalismo francês, bem como da escola dos *Annales* e do grupo conhecido como *Nouveaux Philosophes* (novos filósofos). Citando em particular o estruturalismo de Foucault e Claude Lévi-Strauss, bem como a metodologia da escola dos *Annales*, o artigo conclui que a demolição crítica da influência marxista nas ciências sociais levada a cabo por essas escolas provavelmente perdurará como uma profunda contribuição para os estudos modernos (Directorate Of Intelligence, 1985, p. 6).

No que diz respeito à minha própria avaliação da teoria francesa, eu diria que é importante reconhecê-la pelo que ela de fato é: um produto — pelo menos em parte — do imperialismo cultural dos EUA, que procura substituir o marxismo por uma prática teórica anticomu-

⁶ Ver meu prefácio em Monville (2023).

nista dada a ecletismos culturais burgueses e que mobiliza uma pirotecnia discursiva para criar revoluções imaginadas no discurso, mas que não revolucionam nada na realidade. Além disso, a teoria francesa reabilita e promove o trabalho de anticomunistas como Friedrich Nietzsche e Martin Heidegger, tentando assim redefinir discretamente o radical como um radicalmente reacionário. Quando os teóricos franceses se engajam no marxismo, transformam-no num discurso possível entre muitos outros, que, segundo eles, pode — e até deve — ser misturado com discursos não marxistas e antidialéticos como a genealogia nietzschiana, a *Destruktion* (destruição) heideggeriana, a psicanálise freudiana, e assim por diante. Por isso, muitos desses pensadores reivindicam a propriedade do “seu próprio Marx”, o que por vezes produz a ilusão de que são de alguma forma marxistas ou marxianos. No entanto, a tendência esmagadoramente majoritária é extrair arbitrariamente da obra de Marx elementos muito específicos que presumivelmente ecoam a marca filosófica própria daqueles intelectuais. Esse é o caso, por exemplo, do fantasmagoricamente literário Marx da indecidibilidade, de Derrida, do Marx desterritorializante e nômade criado por Deleuze, do Marx antidialético do dissenso, de Jean-François Lyotard, e de outros exemplos semelhantes. Assim, o discurso de Marx funciona para eles como forragem do cânone burguês que pode ser ecleticamente utilizada para desenvolver a própria marca, dando a esta uma aura de amplitude e radicalidade. Walter Rodney resumiu a verdadeira natureza dessa prática teórica quando explicou que, no âmbito do pensamento burguês, por sua natureza extravagante e pela forma como estimula os excêntricos, é possível tomar qualquer rumo, porque, afinal, quando não se vai a lugar nenhum, pode-se escolher qualquer caminho (Rodney, 2022, p. 46).

ZD: A escola de Frankfurt também tem uma ampla influência na China contemporânea. Como você avalia as teorias dessa escola? Que tipo de conexão ela tem com a CIA?

GR: O Instituto de Pesquisa Social, coloquialmente conhecido como escola de Frankfurt, surgiu como um centro de pesquisa marxista na Universidade de Frankfurt financiado por um rico capitalista. Ao assumir a direção do instituto, em 1930, Max Horkheimer foi responsável por uma mudança de foco decisiva em direção a preocupações especulativas e culturais que estavam cada vez mais distantes do materialismo histórico e da luta de classes.

Nesse sentido, a escola de Frankfurt sob Horkheimer desempenhou um papel fundamental no estabelecimento do que é conhecido como “marxismo ocidental” e, mais especificamente, “marxismo cultural”. Figuras como ele e seu colaborador permanente, Theodor Adorno, não apenas rejeitaram o socialismo real, mas também o identificaram diretamente com o fascismo, apoiando-se ignorantemente — muito à semelhança da escola francesa — na categoria ideológica do totalitarismo⁷. Abraçando uma versão altamente intelectualizada e melodramática do que mais tarde se tornaria conhecido como Tina (acrônimo para “There is no alternative”, ou “Não há alternativa”), eles se concentraram no domínio da arte e da cultura burguesas como o único possível espaço de salvação em potencial. Isso ocorre porque pensadores como Adorno e Horkheimer, com algumas exceções, eram em grande parte idealistas em sua prática teórica: se a mudança social significativa estava excluída do mundo prático, a libertação deveria ser buscada no domínio *geistig* — intelectual e espiritual —, reino das novas formas de pensamento e da cultura burguesa inovadora.

⁷ Muitos dos elementos que sustentam meus comentários podem ser encontrados em Rockhill (2021, p. 117-161; 2022c).



O CCF promoveu na cena internacional o trabalho de acadêmicos como Raymond Aron e Hannah Arendt (esq.), em detrimento de rivais marxistas, incluindo Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre (dir.)

Esses sumos sacerdotes do marxismo ocidental não só abraçaram o mantra ideológico capitalista de que “fascismo e comunismo são a mesma coisa”, como também apoiaram publicamente o imperialismo. Horkheimer, por exemplo, apoiou a Guerra do Vietnã, proclamando em maio de 1967 que nos EUA a promoção de uma guerra, quando necessária, não é tanto uma questão de defesa da pátria, mas, essencialmente, de defesa da Constituição, dos direitos do homem (Kraushaar, 1998, p. 252-253). Embora Adorno muitas vezes preferisse uma política professoral de cumplicidade silenciosa a tais declarações belicosas, ele alinhou-se com Horkheimer no apoio à invasão imperialista do Egito em 1956 por parte de Israel, Grã-Bretanha e França, que procuraram derrubar Gamal Abdel Nasser e tomar o canal de Suez⁸. Chamando Nasser de “chefe fascista” “que conspira com Moscou”, eles condenaram abertamente os países que fazem fronteira com Israel, acusando-os de “Estados árabes bandidos” (Jeffries, 2016, p. 297)⁹.

Os líderes da escola de Frankfurt beneficiaram-se fortemente do apoio da classe dominante capitalista e da Segurança Nacional dos EUA. Horkheimer participou de pelo menos uma das principais conferências do CCF; Adorno publicou artigos em revistas apoiadas pela CIA, correspondeu-se e colaborou com a figura principal da *Kulturkampf* anticomunista alemã, Melvin Lasky, da CIA, e foi incluído nos planos de expansão do CCF, mesmo após a revelação de que este era uma organização de fachada. Os homens de frente de Frankfurt

⁸ Sobre a Guerra de Suez, cf. Becker (2009, p. 71-78).

⁹ As declarações de Adorno e Horkheimer sobre Nasser são da mesma linhagem que a propaganda produzida pela mídia e agências de informação ocidentais. Como Paul Lashmar e James Oliver convincentemente argumentaram, o Departamento de Pesquisa de Informação — um gabinete secreto de propaganda anticomunista intimamente ligado ao MI6 e à CIA — pressionou a BBC e seus outros meios noticiosos para apresentarem Nasser como um “fantoche soviético”, o que era, para todos os fins, a linha de propaganda preferida dos líderes anticoloniais (Lashmar; Oliver, 1998, p. 64).

também receberam amplo financiamento da Fundação Rockefeller e do governo dos EUA, inclusive para apoiar o retorno do instituto à Alemanha Ocidental após a guerra (Rockefeller contribuiu com US\$ 103.695 em 1950, o equivalente a US\$ 1,3 milhão em 2023). Assim como os teóricos franceses, eles estavam realizando o tipo de trabalho intelectual que os líderes do império dos EUA apoiavam.

Também vale notar de passagem que cinco dos oito membros do círculo íntimo de Horkheimer na escola de Frankfurt acabaram trabalhando como analistas e propagandistas do governo dos EUA e da Segurança Nacional. Herbert Marcuse, Franz Neumann e Otto Kirchheimer foram todos empregados do Escritório de Informação de Guerra — Office of War Information (OWI) — antes de passarem para o Departamento de Pesquisa e Análise do OSS¹⁰. Leo Löwenthal também trabalhou para o OWI, e Friedrich Pollock foi contratado pela Divisão Antitruste do Departamento de Justiça. Essa foi uma situação bastante complexa, pois certos setores do governo dos EUA estavam interessados em recrutar analistas marxistas na luta contra o fascismo e o comunismo. Ao mesmo tempo, alguns destes assumiram posições políticas compatíveis com os interesses imperiais dos EUA. Esse capítulo da história da escola de Frankfurt merece, portanto, uma análise muito mais detida (Neumann et al., 2013; Katz, 1989; Müller, 2010).

Finalmente, a evolução da escola de Frankfurt para a sua segunda geração (Jürgen Habermas) e para a terceira (Axel Honneth, Nancy Fraser, Seyla Benhabib) não alterou em nada a sua orientação anticomunista. Pelo contrário, Habermas afirmou explicitamente que o socialismo de Estado estava falido e defendeu a criação de um espaço interno ao sistema capitalista e suas instituições supostamente democráticas para o ideal de um inclusivo “procedimento discursivo de formação da vontade” (Habermas, 1990, p. 69). Neo-habermasianos da terceira geração deram continuidade a essa orientação. Como argumentei num artigo que também aborda os outros pensadores em pauta, Honneth elevou a ideologia burguesa ao próprio quadro normativo da teoria crítica (Rockhill, 2021). Fraser apresenta-se incansavelmente como a mais à esquerda dentre os teóricos críticos, posiciona-se como social-democrata. No entanto, ela muitas vezes permanece bastante vaga quando se trata de esclarecer o que isso significa em termos concretos, admitindo abertamente que tem “dificuldade para definir um programa positivo” (Fraser, 2016, p. 35). O programa negativo é claro, no entanto: “Sabemos que [o socialismo democrático] não deve ser em nada parecido com uma economia de comando autoritário, o modelo de partido único do comunismo.” (Fraser, 2016, p. 35)

ZD: Como você entende o papel e a função das políticas identitárias e do multiculturalismo, prevalentes na esquerda ocidental?

GR: A política identitária, tal como o multiculturalismo a ela afiliado, é uma manifestação contemporânea do culturalismo e do essencialismo que há muito caracterizam a ideologia burguesa. Esta última procura naturalizar as relações sociais e econômicas que decorrem da história material do capitalismo. Em vez de se reconhecer, por exemplo, que as formas de identidade racial, nacional, étnica, de gênero, sexual e afins são construções históricas que variaram ao longo do tempo e que resultaram de forças materiais específicas, elas são naturalizadas e tratadas como base inquestionável para os círculos eleitorais. Tal essen-

¹⁰ N. do E. original: o cofundador da *Monthly Review*, Paul Sweezy, também trabalhou para o Departamento de Pesquisa e Análise do OSS durante a Segunda Guerra Mundial.

Num estudo muito importante baseado na análise estatística de múltiplas variáveis, Martin Gilens e Benjamin Page demonstraram que as elites econômicas e os grupos organizados que representam interesses empresariais causam um substancial impacto na política governamental dos EUA, enquanto os cidadãos médios e os grupos de interesse de massa exercem influência reduzida ou nula. Essa forma plutocrática de governo não opera apenas internamente, é claro, mas também internacionalmente

cialismo serve para obscurecer as forças materiais que operam por trás dessas identidades, bem como as lutas de classe travadas em torno delas. Isso é particularmente útil para a classe dominante e seus gestores: forçados a reagir às exigências da decolonização e das lutas materialistas antirracistas e antipatriarcais, que melhor forma de responder a elas do que com uma política identitária essencializante que propõe soluções falsas para problemas muito reais porque nunca aborda a base material da colonização, do racismo e da opressão de gênero?

As autoproclamadas versões antiessencialistas da política identitária que operam no trabalho de pensadores e pensadoras como Judith Butler não rompem fundamentalmente com essa ideologia (Barahona, 2022; Norton, 2019). Ao pretender desconstruir algumas dessas categorias, revelando-as como construções discursivas que indivíduos ou grupos de indivíduos podem questionar, interpretar ou “reperformar”, os pensadores e pensadoras que trabalham dentro dos parâmetros idealistas da desconstrução nunca fornecem uma análise materialista e dialética da história das relações sociais capitalistas que produziram essas categorias como âmbitos importantes da luta de classes coletiva. Tais pensadores também não se envolvem na história profunda da luta coletiva do socialismo real para transformar aquelas relações. Em vez disso, tendem a recorrer à desconstrução e a uma versão praticamente desistoricizada da genealogia foucaultiana para pensar discursivamente sobre o gênero e as relações sexuais, e são, na melhor das hipóteses, orientados para um pluralismo liberal conforme o qual a luta de classes é substituída pela defesa de grupos de interesse.

Em contraste, a tradição marxista — como Domenico Losurdo demonstrou em sua magistral obra *A luta de classes* — tem uma história profunda e rica de compreensão da luta de classes, no plural. Isso significa que ela inclui batalhas sobre a relação entre gêneros, nações, raças e classes econômicas (além de, poderíamos acrescentar, sexualidades). Uma vez que essas categorias assumiram formas hierárquicas muito específicas sob o capitalismo, os

melhores representantes da herança marxista procuraram compreender a proveniência histórica delas e transformá-las radicalmente. Isso pode ser visto na luta de longa data contra a escravidão doméstica imposta às mulheres, bem como na batalha para superar a subordinação imperialista das nações e dos seus povos racializados. Essa história tem-se desenrolado aos trancos e barrancos, é claro, e ainda há muito trabalho a fazer, em parte porque certas vertentes do marxismo — como a da Segunda Internacional — foram contaminadas por elementos da ideologia burguesa. No entanto, acadêmicos como Losurdo e outros demonstraram com notável erudição que os comunistas estão na vanguarda dessas lutas de classes para superar a dominação patriarcal, a subordinação imperialista e o racismo, indo às próprias raízes desses problemas, ou seja, as relações sociais capitalistas.

A política identitária, tal como se desenvolveu nos principais países imperialistas e particularmente nos Estados Unidos, procurou enterrar essa história para se apresentar como uma forma radicalmente nova de consciência, como se os comunistas nem sequer tivessem pensado na questão da mulher, ou na questão nacional/racial. Os teóricos do identitarismo tendem, portanto, a afirmar de forma arrogante e ignorante que eles são os primeiros a abordar tais questões, superando assim um pretense determinismo econômico levado a cabo por parte dos chamados marxistas reducionistas vulgares¹¹. Em vez de reconhecer essas questões como instâncias da luta de classes, eles tendem a usar a política identitária como uma cunha contra a classismo. Quando fazem algum gesto no sentido de integrar o conceito de classe a suas análises, geralmente reduzem-no a uma questão de identidade pessoal, em vez de relação estrutural de propriedade. As soluções que apresentam tendem, portanto, a ser epifenomenais, o que significa que se concentram em questões de representação e simbolismo, em vez de, por exemplo, buscarem a superação das relações laborais da escravidão doméstica e da superexploração racializada por meio de uma transformação socialista da ordem socioeconômica. Os identitaristas são, portanto, incapazes de conduzir a mudanças significativas e perenes porque não vão à raiz do problema. Como Adolph Reed Jr. tem frequentemente argumentado, com seu humor mordaz característico, eles ficam plenamente satisfeitos em manter as relações de classe existentes — incluindo as relações imperialistas entre nações, eu acrescentaria —, desde que exista a proporção necessária de representação dos grupos oprimidos no seio da classe dominante e do estrato gerencial.

Além de ajudar a deslocar a política e a análise de classe no campo da esquerda ocidental, as políticas identitárias deram uma grande contribuição para dividir a própria esquerda em debates isolados em torno de questões específicas de identidade. Ao invés de favorecer a unidade de classe contra um inimigo comum, ela divide — e conquista — as pessoas trabalhadoras e oprimidas, encorajando-as a identificarem-se, antes de mais nada, como membros de gêneros, sexualidades, raças, nações, etnias, grupos religiosos específicos. A esse respeito, a ideologia da política identitária é na verdade, num nível muito mais profundo, uma política de classe. É a política de uma burguesia que visa dividir os povos trabalhadores e oprimidos do mundo, a fim de governá-los mais facilmente. Não deveria surpreender, portanto, que essa seja a política de governo para o estrato da classe gestora profissional [*professional managerial class stratum*] no núcleo imperial. Ela domina as instituições e meios de comunicação e é um dos principais mecanismos de progressão de carreira no âmbito daquilo que Reed chama perspicazmente de *diversity industry* (indústria da diversidade). Ela encoraja cada envolvido a identificar-se com o seu grupo específico e a promover

¹¹ Ver, por exemplo, as críticas que faço a Cinzia Arruzza, Tithi Bhattacharya e Nancy Fraser (Rockhill, 2021).

seu próprio interesse individual, fazendo-se passar pelo representante privilegiado do grupo. Devemos notar, além disso, que o “wokeismo”¹² também tem o efeito de atirar algumas pessoas aos braços da direita. Se a cultura política dominante encoraja uma mentalidade de clã combinada com o individualismo competitivo, então não é surpreendente que os homens e as pessoas brancas também estejam — como resposta parcial à sua percepção de privação de direitos pela indústria da diversidade — promovendo agendas específicas na condição de “vítimas” do sistema. A política identitária desprovida de uma análise de classe é, portanto, absolutamente passível de conversões à direita e até mesmo ao fascismo.

Finalmente, eu seria negligente se não mencionasse que a política identitária, que tem as suas raízes ideológicas recentes na Nova Esquerda (New Left) e no chauvinismo social que Lênin tinha anteriormente diagnosticado na esquerda europeia, é uma das principais ferramentas ideológicas do imperialismo. A estratégia de dividir para conquistar tem sido usada para fragmentar países, promovendo conflitos religiosos, étnicos, nacionais, raciais ou de gênero¹³. A política identitária também serviu como justificativa direta para intervenções e ingerências imperialistas, bem como para campanhas de desestabilização, seja pelo apoio às supostas causas da libertação das mulheres no Afeganistão, dos *rappers* negros “discriminados” em Cuba, dos candidatos indígenas supostamente “ecossocialistas” na América Latina, da “proteção” das minorias étnicas na China ou de outras operações de propaganda bem conhecidas nas quais o império dos EUA se apresenta como o benevolente defensor das identidades oprimidas. Aqui podemos ver claramente a completa desconexão entre as políticas puramente simbólicas de identidade e a realidade material das lutas de classes, na medida em que as primeiras podem fornecer — e fornecem — uma fina cobertura para o imperialismo. Também nesse nível, então, a política identitária é, em última análise, uma política de classe: uma política da classe dominante imperialista.

ZD: O filósofo Slavoj Žižek é um acadêmico que tem tido ampla influência global nos atuais círculos acadêmicos de esquerda, e, claro, existem muitas controvérsias [a respeito dele]. Por que você o enxerga como um “bobo da corte capitalista” (Rockhill, 2023a)?

GR: Žižek é um produto da indústria da teoria imperial. Como salientou Michael Parenti, a realidade é radical, o que significa que os trabalhadores do mundo capitalista enfrentam lutas materiais muito reais por emprego, habitação, saúde, educação, ambiente sustentável, e assim por diante. Tudo isso tende a radicalizar as pessoas, e muitas gravitam em torno do marxismo porque este realmente explica o mundo em que elas vivem, as lutas que enfrentam, e apresentando-lhes soluções claras e viáveis. É por essa razão que o aparelho cultural capitalista tem de lidar com um interesse muito real no marxismo por parte das massas trabalhadoras e oprimidas. Uma tática que esse aparelho tem desenvolvido — especialmente para o público-alvo de jovens e membros do estrato da classe gestora profissional — é a promoção de uma versão altamente mercantilizada do marxismo, pervertendo-lhe sua substância fundamental. Tenta-se assim transformar o marxismo numa marca da moda para ser vendida como qualquer outra mercadoria, em lugar de reconhecê-lo como um arcabouço teórico e prático coletivo para a emancipação da sociedade orientada pelas mercadorias.

¹² N. do T.: *wokeism* é um neologismo usado normalmente de maneira pejorativa para se referir a movimentos que priorizam questões de identidade.

¹³ Gowans (2017) oferece vários e excelentes exemplos disso.

Žižek é perfeito para esse projeto de várias maneiras. Informante anticomunista nativo que cresceu na República Socialista Federativa da Iugoslávia (RSFI), ele afirma regu-larmente que a sua experiência subjetiva como intelectual pequeno-burguês que procurou a ascensão profissional no Ocidente lhe confere de alguma forma um direito especial de testemunhar a verdadeira natureza do socialismo. Histórias pessoais sobre sua experiência na RSFI substituem a análise objetiva. Não é de surpreender que, para um oportunista em busca de riqueza e glória, Žižek considere a sua pátria socialista inferior aos países capitalis-tas ocidentais que lhe proporcionaram tal ascensão — agora ele é reconhecido como um dos principais pensadores globais pela revista *Foreign Policy* (um braço virtual do Departamento de Estado dos EUA).

Žižek gaba-se abertamente do papel que desempenhou pessoalmente no desmante-lamento do socialismo na RSFI. Ele foi o principal colunista político de uma importante pu-blicação dissidente, *Mladina*, que o Partido Comunista Iugoslavo acusou de ser apoiada pela CIA. Ele também foi cofundador do Partido Liberal Democrata e concorreu como candidato presidencial daquele partido na primeira república separatista da Eslovênia, prometendo “aju-dar substancialmente na decomposição do aparato ideológico real-socialista do Estado [sic]” (Žižek, 2021). Perdendo as eleições por pequena margem, apoiou abertamente o Estado eslo-veno e o partido no poder após a restauração do capitalismo e, portanto, durante todo o pro-cesso brutal de terapia de choque capitalista que levou a um declínio catastrófico nos padrões de vida da maioria da população (mas não da vida dele — ah! ah! ah!). O partido pró-privatização que ele cofundou também estava claramente orientado para a integração no campo imperialista, uma vez que era o principal defensor da adesão à União Europeia e à Otan.

Vejo esse liberal do Leste Europeu como o bobo da corte do capitalismo porque ele transforma o marxismo em alvo de chacota, e é precisamente por isso que tem sido tão am-plamente promovido pelas forças dominantes da sociedade capitalista. Em vez de uma ciência coletiva de emancipação enraizada nas lutas materiais reais, o marxismo tal como ele o enten-de é, acima de tudo, um discurso provocativo de chicana intelectual que se resume à postura política pequeno-burguesa de um *enfant terrible* oportunista. Suas travessuras e seu *cosplay* de comunista encantam a burguesia e capturam a curta capacidade de atenção dos incultos. Ele é — como um bobo da corte — talentoso para provocar a irritação ou a risada das pessoas, o que na era digital se traduz facilmente em curtidas e cliques. Ele também é particularmente bom em vender os produtos de Hollywood e do aparelho cultural burguês em geral. O Rei Capital obviamente adora esse escroque, que encheu os bolsos durante o processo. Como qualquer bom bobo da corte, ele conhece os limites determinados pelo decoro cortesão e, em última análise, respeita-os, denegrindo o socialismo real, promovendo a acomodação capita-lista e, muitas vezes, até apoiando diretamente o imperialismo. Se ele é de fato “o intelectual mais perigoso” do mundo, como por vezes a imprensa burguesa o descreve, é porque põe em risco o projeto marxista de combater o imperialismo e de construir um mundo socialista.

Confirmando a bem conhecida relação entre ascensão objetiva e desvio subjetivo para a direita, Žižek tornou-se indiscutivelmente cada vez mais reacionário no seu apoio anticomunista ao imperialismo. Considere, por exemplo, o seu julgamento peremptório re-lativo aos atuais esforços para desafiar o neocolonialismo na África: “É claro que as revoltas ‘anticoloniais’ na África Central são ainda piores do que o neocolonialismo francês.” (Žižek, 2023b) Numa outra intervenção pública recente, ele deu nova demonstração notavelmente clara do tipo de revolução que apoia. Ao discutir as revoltas do verão de 2023 na França,



O filósofo esloveno Slavoj Žižek em palestra na Universidade de Brasília, 12 de março de 2013

na sequência do assassinato de Nahel Merzouk pela polícia, Žižek baseou-se na importante noção marxista — como frequentemente faz nas coisas coerentes que afirma — de que as revoltas fracassarão se não houver uma estratégia organizacional que possa levá-las à vitória. Ele então forneceu um exemplo de revolução bem-sucedida: “Os protestos públicos e as revoltas podem desempenhar um papel positivo se forem sustentados por uma visão emancipatória, como a revolta de Maidan de 2013-2014 na Ucrânia.” (Žižek, 2023a) Como amplamente documentado, a revolta de Maidan foi um golpe de Estado fascista fomentado e apoiado pela Segurança Nacional dos EUA¹⁴. Para Žižek, portanto, um golpe fascista apoiado pelo imperialismo, que Samir Amin chamou de “golpe euronazista”, é um “exemplo positivo de visão emancipatória” que levou a uma revolução bem-sucedida¹⁵. Essa sua posição, bem como o forte apoio que ele dá à guerra por procuração promovida pelos EUA e a Otan na Ucrânia, esclarece o que significa ser “o intelectual mais perigoso” do mundo: trata-se de um filofascista disfarçado de comunista.

ZD: Os Estados Unidos há muito são considerados pelo Ocidente como modelo de democracia liberal. No entanto, você considera que esse jamais foi uma democracia (Rockhill, 2017b). Poderia explicar seu ponto de vista?

GR: Objetivamente falando, os Estados Unidos nunca foram uma democracia. O país foi criado como uma república e os então chamados pais fundadores eram abertamente hostis à democracia. Isso é óbvio em *The federalist papers*, as notas tomadas na Convenção

¹⁴ Cf., por exemplo, Collon (2023).

¹⁵ Para Amin (2015, p. 23-36), a tríade organizou em Kiev aquilo a que se deveria chamar um “*putsch* euronazi”, e a retórica dos meios de comunicação ocidentais, segundo a qual as políticas da tríade visam promover a democracia, é simplesmente uma mentira.

A ideologia burguesa procura isolar a questão da liberdade de expressão das questões do poder e da propriedade, transformando-a assim num princípio abstrato que governa as ações de indivíduos isolados. Tal abordagem tenta excluir qualquer análise materialista dos meios de comunicação, além da importantíssima questão de identificar quem os detém e controla

Constitucional da Filadélfia, em 1787, nos documentos de fundação dos EUA e também na prática material de governança que foi originalmente estabelecida na colônia. Como todos sabem, a recém-criada república não concedeu direitos democráticos à população indígena dos Estados Unidos, referida como “os impiedosos índios selvagens” na “Declaração da Independência”, nem aos escravizados da África ou às mulheres (Grafton, 2000, p. 8; Dunbar-Ortiz, 2015; Smith, 2023). O mesmo vale para os trabalhadores brancos médios. A exemplo de outros estudiosos, Terry Bouton observou que a maioria dos homens brancos comuns não acreditava que a Revolução Americana resultara em governos cujo objetivo principal fosse o de realizar-lhes seus ideais e interesses — pelo contrário, estavam convencidos de que a elite revolucionária havia reconstruído o governo para beneficiar a si própria e minar a independência do cidadão comum (Bouton, 2007, p. 4). Afinal, a Convenção Constitucional não estabeleceu eleições populares diretas para a Presidência, a Suprema Corte ou o Senado. A única exceção foi a Câmara dos Deputados. No entanto, as qualificações do eleitorado foram definidas pelas legislaturas estaduais, que quase sempre exigiam a posse de propriedade como requisito para o direito ao voto. Não surpreende, portanto, que os críticos progressistas da época tenham chamado a atenção para esse fato. Patrick Henry afirmou categoricamente a respeito dos Estados Unidos: “Isto não é uma democracia!” (Ketcham, 2003, p. 199) George Mason descreveu a nova Constituição como a mais ousada tentativa de estabelecer uma aristocracia despótica entre homens livres que o mundo já testemunhou (Storing, 2008, p. 13).

Embora o termo *república* fosse amplamente utilizado para descrever os Estados Unidos naquela época, isso começou a mudar no final da década de 1820, quando Andrew Jackson — também conhecido como Indian Killer (assassino de índios), em razão de suas políticas genocidas — fez uma campanha presidencial populista. Ele se apresentou como democrata, isto é, um americano médio que poria fim ao governo dos patrícios de Massachusetts e Virgínia. Apesar de não terem implementado alterações estruturais no modo de governar, políticos como Jackson, outros membros da elite e seus gestores começaram a usar o termo *democracia* para descrever a república, dando a entender que esta servia aos

interesses do povo¹⁶. Essa tradição claramente perdurou: democracia é um eufemismo para domínio burguês oligárquico.

Ao mesmo tempo, houve dois séculos e meio de luta de classes nos Estados Unidos, e as forças democráticas frequentemente obtiveram da classe dominante concessões muito significativas. O universo das eleições foi ampliado para incluir o voto para o Senado e para a Presidência da República, embora o Colégio Eleitoral ainda não tenha sido abolido e os juízes da Suprema Corte sigam sendo nomeados vitaliciamente. O direito ao voto foi estendido a mulheres, afro-americanos e povos nativos. Essas são conquistas importantes que evidentemente devem ser defendidas, expandidas e tornadas mais substanciais através de reformas democráticas profundas em todo o processo eleitoral. Contudo, por mais importantes que sejam esses avanços democráticos, eles não alteraram fundamentalmente o sistema de domínio plutocrático.

Num estudo muito importante baseado na análise estatística de múltiplas variáveis, Martin Gilens e Benjamin Page demonstraram que as elites econômicas e os grupos organizados que representam interesses empresariais causam um substancial impacto na política governamental dos EUA, enquanto os cidadãos médios e os grupos de interesse de massa exercem influência reduzida ou nula (Gilens; Page, 2014, p. 564). Essa forma plutocrática de governo não opera apenas internamente, é claro, mas também internacionalmente. Os Estados Unidos vêm tentando impor a sua forma antidemocrática de governo empresarial sempre que possível. Entre o final da Segunda Guerra Mundial e 2014, de acordo com a investigação diligente de William Blum, os EUA esforçaram-se para derrubar mais de 50 governos estrangeiros, a maioria dos quais eleitos democraticamente (Blum, 2014). Os Estados Unidos são um império plutocrático, não uma democracia, em qualquer sentido significativo ou substantivo do termo.

Reconheço, claro, que expressões como *democracia burguesa*, *democracia formal* e *democracia liberal* são frequentemente utilizadas, por várias razões, para classificar essa forma de plutocracia. É também verdade, e vale a pena sublinhar, que a existência de certos direitos democráticos formais sob um regime plutocrático é uma grande vitória para os trabalhadores, cuja importância não deve de forma alguma ser minimizada. Em última análise, contudo, precisamos fazer uma avaliação dialética que dê conta da complexidade dos modos de governança, que nos Estados Unidos incluem o controle oligárquico do Estado e os importantes direitos que foram conquistados em decorrência da luta de classes.

ZD: Como você avalia a “liberdade de expressão” defendida pela burguesia? Essa liberdade de expressão” existe de fato no mundo burguês de hoje em dia?

GR: A ideologia burguesa procura isolar a questão da liberdade de expressão das questões do poder e da propriedade, transformando-a assim num princípio abstrato que governa as ações de indivíduos isolados. Tal abordagem tenta excluir qualquer análise materialista dos meios de comunicação, além da importantíssima questão de identificar quem os detém e controla. Assim, essa ideologia desloca todo o campo de análise da totalidade social para a relação abstrata entre princípios teóricos e atos isolados de discurso individual.

Uma das vantagens dessa tática é que o direito abstrato à liberdade de expressão pode

¹⁶ Embora com algumas ressalvas a esse quadro geral, apresento várias evidências empíricas dessas afirmações no terceiro capítulo do meu livro *Counter-history of the present* (Rockhill, 2017a).

Não esqueçamos que os próprios nazistas viam nos Estados Unidos a forma mais avançada de política de *apartheid* racial

ser concedido ao indivíduo justamente porque ele não tem o poder de ser ouvido. Essa é a condição da maioria das pessoas que vivem no mundo capitalista. Em princípio, elas podem expressar as suas opiniões individuais da forma que quiserem. Na realidade, porém, essas opiniões tornam-se em grande medida irrelevantes caso não correspondam aos pontos de vista que os proprietários dos meios de comunicação querem difundir. Simplesmente não será concedida nenhuma tribuna a elas. Dado que a classe dominante detém um poder tão

impressionante sobre os meios de comunicação que acabou por convencer muitas pessoas de que a censura não existe, tais opiniões podem até ser abertamente suprimidas ou proibidas, sem que o público em geral preste muita atenção a isso.

Quando posições estratégicas fora do *establishment* capitalista conseguem alcançar uma ampla audiência e começam a construir um poder real, nós sabemos o que a classe proprietária e o Estado burguês são capazes de fazer. Eles têm uma longa história de rejeição a todo e qualquer apelo à liberdade de expressão em nome da destruição dos seus inimigos de classe e de qualquer infraestrutura que apoie a livre circulação de ideias. Poderíamos citar como exemplos o Alien Act, a Lei de Sedição, os Ataques de Palmer, a Lei Smith, a Lei McCarran, a era McCarthy ou a “nova” Guerra Fria. Desde o início da operação militar especial russa na Ucrânia, o mundo teve uma lição prática a respeito do controle quase total da burguesia sobre os meios de comunicação nos Estados Unidos. Além da ampla censura no YouTube e nas redes sociais, aplicada particularmente ao *Russia Today* e ao *Sputnik*, todos os principais meios de comunicação marcharam em sincronia com o som da propaganda anti-Rússia e anti-China e do apoio inquestionável à guerra por procuração levada a cabo pelos EUA (embora mais recentemente alguns conservadores tenham visto aí uma oportunidade para de alguma forma se apresentar como contrários à guerra). O direito à liberdade de expressão defendido pela burguesia equivale à liberdade da classe dominante de possuir os meios de comunicação para decidir livremente quais pontos de vista são dignos de amplificação e extensa divulgação e quais devem ser marginalizados ou silenciados.

ZD: Você menciona em um de seus artigos que modos de governança fascistas são muito reais e se fazem presentes na então chamada “ordem mundial liberal” (Rockhill, 2020b). Por que pensa assim?

GR: Na pesquisa que fiz para um dos meus livros, provisoriamente intitulado *Fascism and the socialist solution* [fascismo e solução socialista], tenho desenvolvido um quadro explicativo que põe em cheque o paradigma dominante de “um Estado, um governo”. De acordo com a concepção hegemônica, a cada Estado — se este não estiver em guerra civil aberta — corresponderia somente um modo de governança num determinado momento. O problema desse modelo não dialético pode ser facilmente percebido nas chamadas democracias burguesas liberais do Ocidente, como os Estados Unidos.



Apoiadores do então presidente e candidato derrotado Donald Trump invadem o Capitólio, sede do Congresso dos Estados Unidos, em 6 de janeiro de 2021, em uma tentativa frustrada de impedir a validação da vitória eleitoral de Joe Biden

Como eu documento num artigo sobre o tema, o governo dos EUA reabilitou dezenas de milhares de nazistas e fascistas na sequência da Segunda Guerra Mundial (Rockhill, 2020a). Muitos ganharam passagem segura para os Estados Unidos em virtude de operações como a Paperclip e foram integrados em programas científicos e de inteligência e em instituições militares (incluindo a Otan e a Nasa). Muitos outros foram incorporados a exércitos secretos em toda a Europa, bem como a redes de inteligência europeias e até mesmo a governos (como o marechal Badoglio na Itália)¹⁷. Outros, ainda, receberam passagens para a América Latina ou outras partes do mundo. No caso dos fascistas japoneses, foram em grande parte reconduzidos ao poder pela CIA. Assumiram o controle do Partido Liberal e transformaram-no num clube de direita para os antigos líderes do Japão imperial. Essa rede global de anticomunistas experientes, capacitados pelo império dos EUA, participou de guerras sujas, golpes de Estado, esforços de desestabilização política, sabotagens e campanhas terroristas. Se é verdade que o fascismo foi derrotado na Segunda Guerra Mundial, principalmente devido ao sacrifício monumental de cerca de 27 milhões de soviéticos e 20 milhões de chineses, não é de todo verdade que tenha sido eliminado, mesmo no seio das chamadas democracias liberais.

Poderíamos ficar tentados a dizer, como por vezes afirmam os especialistas liberais progressistas, que os Estados Unidos implementam formas fascistas de governança no estrangeiro mas mantêm a democracia no fronte interno. No entanto, isso não é exatamente verdade. A análise histórico-materialista, como argumentei em alguns dos meus trabalhos,

¹⁷ O marechal Badoglio, antigo colaborador de Benito Mussolini e responsável por terríveis crimes de guerra na Etiópia, foi autorizado a tornar-se o primeiro chefe de governo da Itália pós-fascista. Na zona liberta da Itália, o novo sistema assemelhava-se suspeitamente ao antigo e foi, por isso, considerado por muitos como um *fascismo senza Mussolini*, ou fascismo sem Mussolini (Pauwels, 2015, p. 119).

Trump encorajou as forças fascistas e as ações delas. É um supremacista branco ultranacionalista e um capitalista e imperialista radical (Foster, 2017). O fenômeno Trump é, no entanto, sintoma de uma crise maior na ordem imperialista

precisa sempre levar em conta três dimensões heurísticamente distintas: história, geografia e estratificação social. É importante, a esse respeito, examinar toda a população, e não apenas os indivíduos que pertencem ao mesmo segmento de classe que os especialistas liberais. Consideremos, por exemplo, os indígenas dos EUA. Sujeitos a uma política genocida de eliminação e depois sequestrados em reservas controladas e supervisionadas pelo Estado, muitos — especialmente os mais pobres — ainda são alvo do terror policial racista e lutam por direitos humanos e democráticos básicos (Dunbar-Ortiz, 2015). O mesmo se aplica a segmentos da população afro-americana pobre e da classe trabalhadora, bem como aos imigrantes. É assim que precisamos compreender a crítica incisiva de George Jackson aos Estados Unidos, a que ele chamou “o Quarto Reich” (Jackson, 1990, p. 9). Certas parcelas da população, os pobres racializados e a classe trabalhadora, que lutam pela sobrevivência, são muitas vezes governados principalmente por meio da repressão estatal e paraestatal, e não mediante um sistema de direitos e representação democráticos. Por que, então, presumiríamos que eles vivem numa democracia? Além disso, não esqueçamos que os próprios nazistas viam nos Estados Unidos a forma mais avançada de política de *apartheid* racial, usando-a explicitamente como modelo (Whitman, 2018).

O paradigma dos múltiplos modos de governança é dialético na medida em que atenta às dinâmicas de classe que operam na sociedade capitalista e ao fato de que vários segmentos da população não são governados de uma mesma forma. Os membros do estrato da classe gestora profissional nos Estados Unidos, por exemplo, gozam de certos direitos democráticos no sentido formal, e estes podem ser invocados com êxito em várias formas de luta de classes legal. Por outro lado, aqueles que estão sob a bota do capitalismo, na condição de população superexplorada, são muitas vezes governados de forma muito diferente, especialmente se começam a se organizar para retirar a bota de cima do pescoço, como no caso do Dragão (apelido de George Jackson). Eles são submetidos ao terror policial e à violência dos vigilantes, e seus supostos direitos são muitas vezes restringidos indiscriminadamente, como os 29 membros dos Panteras Negras e os 69 ativistas indígenas americanos mortos pelo FBI e pela polícia entre 1968 e 1976 (de acordo com os cálculos de Ward Churchill). Teóricos como Jackson, que passou a vida adulta na prisão e depois foi morto em circunstâncias suspeitas, não viram dificuldade em chamar a isso fascismo.

Para compreender como regimes de governo realmente funcionam sob o capitalismo, é importante adotar uma abordagem dialética refinada, que atente às diferentes mo-

dalidades do sistema. A chamada democracia liberal funciona como o “policial bonzinho” do capitalismo, prometendo direitos e representação a súditos submissos. É amplamente utilizado para governar a classe média e média-alta, bem como aqueles que aspiram chegar a esses estratos. O “policial malvado” do fascismo é lançado contra os segmentos pobres, racializados e descontentes da população, tanto internamente como no estrangeiro. É obviamente preferível ser governado pelo “policial bonzinho”, e a preservação e a expansão da democracia, ainda que de formas limitadas, são objetivos táticos dignos (particularmente quando diante do horror de uma completa tomada do aparelho de Estado pelos fascistas). Contudo, é estrategicamente importante reconhecer que — tal como no caso de um interrogatório policial — o “policial bonzinho” e o “policial malvado” trabalham juntos para o mesmo Estado e têm um objetivo em comum: manter, e até mesmo intensificar, as relações sociais capitalistas por meio da utilização da isca da democracia burguesa e do porrete do fascismo.

ZD: Muitas pessoas acreditam que a emergência do “fenômeno Trump” significa que o perigo do fascismo está aumentando. Qual a sua opinião sobre esse ponto de vista? Como vê o evento em que apoiadores do Trump invadiram o Capitólio, em 6 de janeiro de 2021?

GR: Trump encorajou as forças fascistas e as ações delas. É um supremacista branco ultranacionalista e um capitalista e imperialista radical (Foster, 2017). O fenômeno Trump é, no entanto, sintoma de uma crise maior na ordem imperialista. Devido ao desenvolvimento persistente de um mundo multipolar, à ascensão da China, aos fracassos do neoliberalismo financeirizado e ao declínio do poder dos principais Estados imperialistas, o fascismo está em ascensão em todo o mundo capitalista.

No contexto dos EUA, a campanha presidencial de Joe Biden para as eleições de 2020 foi em grande parte organizada em torno da ideia de que ele seria capaz de salvar o país do fascismo porque respeitaria a transferência pacífica de poder e o Estado democrático de direito. Claro que uma democracia burguesa é de longe preferível a uma ditadura fascista aberta, e a luta pela primeira e contra a última é de extrema importância. Por mais corrupta, disfuncional e mentirosa que a democracia burguesa tenda a ser, ela permite a certos setores da população uma importante margem de manobra para organização, educação política e construção de poder. No entanto, é um grave erro presumir que o Partido Democrata dos Estados Unidos é um baluarte contra o fascismo. Ao assumir o cargo, Biden não tomou medidas imediatas para prender Trump por sedição, e os fascistas da base geralmente têm sido tratados com luvas de pelica (muito poucos foram acusados de sedição, e várias das sentenças foram excepcionalmente leves). Só agora, anos após o acontecimento — e na preparação propagandística das eleições presidenciais de 2024 —, é que alguns dos conspiradores enfrentam condenações à prisão e o próprio Trump está sendo processado em diversas frentes. Além disso, a administração Biden não tomou medidas sérias para reverter o Estado policial dos EUA, a violência policial racista e o sistema de encarceramento em massa (que ele mesmo ajudou a construir), nem tomou medidas significativas para desmantelar organizações e milícias fascistas. Embora Joe Biden não tenha apoiado abertamente movimentos fascistas locais — ao contrário de Trump —, o que é claramente positivo, sua equipe tem seguido a agenda imperialista dos EUA e apoiado agressivamente o crescimento do fascismo em países como a Ucrânia (Rockhill, 2022b).



Os programas de rádio *The Alex Jones Show* (acima) e de TV *Tucker Carlson Tonight* (dir.), alinhados com a extrema direita estadunidense, alimentam narrativas conspiratórias pró-Trump



No que diz respeito à tomada do Capitólio, não constituiu simplesmente uma revolta espontânea contra a eleição de Joe Biden. Como afirmei num artigo sobre o tema, ela foi apoiada por um segmento da classe dominante capitalista, e os mais altos níveis do governo dos EUA permitiram que acontecesse (Rockhill, 2022a). A herdeira do supermercado Publix, Julie Jenkins Fancelli, forneceu cerca de US\$ 300 mil para o comício Stop the Steal (chega de roubo). O círculo familiar de Trump também esteve diretamente envolvido no financiamento do protesto: mais de US\$ 4,3 milhões foram angariados e doados aos organizadores da invasão (Massoglia, 2021). Longe de ser um movimento popular, o Seis de Janeiro foi uma operação secretamente patrocinada por ricos. Além disso, há sinais muito claros de que o alto-comando dos serviços de inteligência, os militares e a polícia permitiram — para dizer o mínimo — que o Capitólio fosse invadido. Qualquer pessoa familiarizada com as medidas de segurança draconianas utilizadas contra protestos progressistas no Capitólio reconheceu isso imediatamente, com base apenas nas imagens de vídeo e no fato de apenas um quinto da Polícia do Capitólio estar de serviço naquele dia, além de se encontrar mal equipada para o tão aguardado motim. Sabemos agora que o alto-comando do Exército foi diretamente responsável pelo atraso no envio da Guarda Nacional, e os agentes do Departamento de Segurança Interna em prontidão perto do Capitólio não foram mobilizados. Tudo isso e muito mais apontam para a cumplicidade dos mais altos níveis do governo dos EUA com o saque do Capitólio.

Para quem estuda ou estudou seriamente a extensa história das operações psicológicas levadas a cabo pela Segurança Nacional dos EUA, existem elementos do Seis de Janeiro que se sobrepõem a ela. Para ser claro, isso não significa que tenha sido uma conspiração no sentido idiota propagado pelos meios de comunicação burgueses, de que as pessoas que invadiram

o Capitólio estavam todas igualmente envolvidas ou conscientes do processo [*were all in on it*], ou que se tratava de atores pagos, ou algo absurdo desse tipo. Essas operações são realizadas com base no princípio do “conhecimento necessário”, o que significa que, em condições normais, apenas algumas pessoas no topo da cadeia de comando são cúmplices conscientes. Abaixo delas, há muitos que agem inconscientemente e por conta própria. Tal situação cria um elevado nível de imprevisibilidade e, portanto, promove a desejada aparência de uma ação espontânea vinda de baixo, o que dá cobertura aos tomadores de decisão no topo.

É preciso saber muito mais sobre os elementos da elite envolvidos no financiamento, promoção e permissão da tomada do Capitólio. Até que mais informações estejam disponíveis, como provavelmente acontecerá com o passar do tempo, por enquanto sabemos que foi um evento extremamente útil para a administração Biden. A tomada do Capitólio permitiu que Sleepy Joe¹⁸ chegasse ao poder ostentando a surpreendente auréola de “salvador da democracia”, o que forneceu uma cobertura muito tênue para os seus movimentos à direita e em prol da guerra permanente da classe dominante contra os trabalhadores. Trump foi reabilitado quase imediatamente, em vez de ser preso. Os fantoches midiáticos da administração dele — pessoas como Tucker Carlson e Alex Jones — ajudaram a construir uma narrativa confusa, segundo a qual Trump e os seus seguidores teriam sido vítimas de uma terrível conspiração governamental. Apresentando-se como um renegado amante da liberdade em oposição ao Big Government (grande governo), ele se preparou para outra candidatura presidencial no papel de suposto *outsider*. Não está claro até onde irão os atuais processos contra Trump, mas o *timing* é altamente suspeito, uma vez que eles surgem três anos após a invasão, num momento em que as próximas eleições presidenciais estão batendo na porta e teremos outro disputado confronto direto entre dois candidatos imperialistas.

ZD: Pensando na esquerda global, como deveríamos resistir à hegemonia ideológica da burguesia? Que tipo de teoria revolucionária deveríamos construir?

GR: No mundo capitalista, a hegemonia ideológica da burguesia é mantida pelo impressionante controle que ela exerce sobre os aparelhos culturais, ou seja, todo o sistema de produção, distribuição e consumo de cultura. MacLeod (2019) observou que apenas cinco gigantescas corporações controlam mais de 90% do que os EUA leem, assistem ou ouvem. Essas megacorporações trabalham em estreita colaboração com o governo estadunidense, conforme discutimos brevemente acima. Em linhas gerais, o objetivo dessas corporações já foi claramente declarado pelo diretor da CIA, William Casey, durante a primeira reunião com sua equipe, em 1981: “Só saberemos que nosso programa de desinformação foi concluído quando tudo em que o público dos EUA acreditar for falso” (Brasunas, 2023).

Essas são as condições objetivas do conflito ideológico num país como os Estados Unidos. É, portanto, ingênuo acreditar que basta desenvolver uma análise correta e compartilhar nossos pontos de vista individuais, convencendo as pessoas com base em diálogos e argumentos racionais. Para termos alguma força real, precisamos trabalhar coletivamente e encontrar maneiras de alavancar o poder a nosso favor. No livro em que estou atualmente trabalhando em parceria com Jennifer Ponce de León, que examina a cultura como campo de luta de classes, nós distinguimos heurísticamente três táticas.

¹⁸ N. do T.: Sleepy Joe, ou Joe Dorminhoco, é uma forma pejorativa de se referir ao presidente dos EUA, Joe Biden, que, dada a sua idade avançada, teria sido flagrado cochilando em pelo menos um evento público.

Longe de ser uma doutrina imutável, o marxismo é o que Losurdo chamou de processo de aprendizagem que muda com o tempo. Há muito trabalho a ser feito nessa frente. Para destacar três das questões mais prementes, precisamos desenvolver ainda mais uma teoria revolucionária capaz de compreender e pôr fim ao fascismo, à guerra mundial e ao colapso ecológico

outros, que o marxismo é criativo e precisa ser regularmente adaptado a novas situações (Enfu, 2021). Longe de ser uma doutrina imutável, o marxismo é o que Losurdo chamou de processo de aprendizagem que muda com o tempo. Há muito trabalho a ser feito nessa frente. Para destacar três das questões mais prementes, precisamos desenvolver ainda mais uma teoria revolucionária capaz de compreender e pôr fim ao fascismo, à guerra mundial e ao colapso ecológico²⁰. Uma vez que vivo e me organizo no núcleo imperial, acrescento que também é essencial desenvolver a teoria e a prática revolucionárias nesta região específica, que até agora tem sido imune a ações de tomada do poder estatal.

¹⁹ Site: <criticaltheoryworkshop.com>.

²⁰ Um dos marxistas mais importantes dos Estados Unidos, John Bellamy Foster, tem feito um trabalho extremamente importante nessas três frentes.

Primeiro, a tática do cavalo de Troia, que consiste em usar o aparelho cultural burguês contra ele mesmo, tirando vantagem da sua extraordinária infraestrutura para contrabandear — e portanto disseminar amplamente — mensagens contra-hegemônicas (Boots Riley é um belo exemplo de sucesso nisso). A segunda importante tática é o desenvolvimento de um aparelho alternativo para a produção, circulação e recepção de ideias. Existem muitas tentativas importantes em curso nessa frente, desde meios de comunicação e publicações alternativos até plataformas educativas, espaços culturais, redes de ativistas e centros comunitários. Ponce de León e eu estamos envolvidos no Critical Theory Workshop/Atelier de Théorie Critique, que se dedica a esse tipo de trabalho¹⁹. Finalmente, existem os aparelhos socialistas que foram desenvolvidos em países que retiraram o poder da burguesia. As notícias, a informação e a cultura que eles produzem proporcionam uma alternativa real ao aparelho cultural capitalista. Para citar apenas dois grandes exemplos no Hemisfério Ocidental, a Prensa Latina, em Cuba, e a Telesur, na Venezuela, vêm realizando um trabalho importantíssimo.

Quanto ao tipo de teoria revolucionária de que necessitamos, concordo plenamente com Cheng Enfu. Ele argumenta de forma convincente, seguindo e desenvolvendo o trabalho de muitos

No geral, a teoria revolucionária mais relevante é aquela que auxilia na complicada e difícil tarefa de construir o socialismo. Muitas surpresas apareceram e muito se aprendeu desde 1917. A situação global parece ser hoje muito diferente da experimentada no apogeu da Terceira Internacional ou durante a chamada Guerra Fria. Países socialistas vêm trabalhando em conjunto com países capitalistas empenhados no desenvolvimento nacional a fim de construir novas estruturas internacionais que resistam à ordem mundial imperial (Brics+, Iniciativa Cinturão e Rota, Organização de Cooperação de Xangai, Asean etc.). As recentes revoltas na África Ocidental e Central desafiam o regime neocolonial francês na região e o aprisionamento imposto pelo imperialismo ocidental. Compreender e fazer avançar essas e outras lutas pela libertação anticolonial e em favor do mundo multipolar emergente é uma tarefa vital não apenas teórica mas também prática. Ao mesmo tempo, é da maior importância elucidar como a contestação da ordem mundial imperialista e o desenvolvimento da multipolaridade podem ser trampolins para a expansão do projeto socialista. Essa é uma das questões mais prementes dos nossos dias.

* Diretor-executivo do Critical Theory Workshop/Atelier de Théorie Critique e professor de Filosofia na Universidade de Villanova (Pensilvânia). Atualmente está concluindo o seu quinto livro individual, *The intellectual world war: Marxism versus the imperial theory industry* [a guerra mundial intelectual: o marxismo contra a indústria da teoria imperial], a ser publicado pela Monthly Review Press.

** Pesquisador assistente do Instituto de Marxismo da Academia Chinesa de Ciências Sociais e editor da revista *World Socialism Studies*.

Tradução gentilmente realizada pelo prof. Cristhiano Duarte (University of Leeds/International Institute of Physics, Natal - Brazil), membro do Conselho Editorial de *Princípios*. Revisão de Ramiro Torres.

A versão em inglês a partir da qual foi realizada esta tradução pode ser encontrada em: <<https://monthlyreview.org/2023/12/01/imperialist-propaganda-and-the-ideology-of-the-western-left-intelligentsia>>.

► Texto recebido em 8 de janeiro de 2024; aprovado em 28 de fevereiro de 2024.

- AGEE, Philip; Wolf, Louis (Ed.). **Dirty work**: The CIA in Western Europe, 1st ed. Dorset: Dorset Press, 1978.
- ALFORD, Matthew; Secker, Tom. **National Security cinema**: the shocking new evidence of government control in Hollywood create space independent publishing platform, 2017.
- AMIN, Samir. Contemporary imperialism. **Monthly Review**, v. 67, n. 3, July-August 2015.
- BARAHONA, Tita. Judith Butler, la pope del “feminismo” postmoderno, y su apoyo al capitalismo yanqui. **Canarias-Semanal**, April 7, 2022.
- BECKER, Richard Palestine, Israel and the U.S. Empire. San Francisco: **PSL Publications**, 2009.
- BERNSTEIN, Carl. The CIA and the media. **Rolling Stone**, October 20, 1977.
- BLUM, William. **Killing hope**: U.S. military and CIA interventions since World War II. London: Zed Books, 2014.
- BOUTON, Terry. **Taming democracy**: the people, the founders, and the troubled ending of the American Revolution. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- BRASUNAS, Tony. **Is the CIA trying to deceive all Americans?**. February 9, 2023. Disponível em: <<https://tonybrasunas.com/did-cia-director-william-casey>>.
- CAPOTE, Raúl Antonio. **Enemigo**. Madrid: Akal, 2015.
- CHARPIER, Frédéric. **La CIA en France**: 60 ans d'ingérence dans les affaires françaises. Paris: Editions du Seuil, 2008.
- CHOMSKY, Noam et al. **The Cold War and the university**. New York: The New Press, 1997.
- CLINE, Ray S. **Secrets, spies, and scholars**. Washington, DC: Acropolis, 1976.
- COLEMAN, Peter. **The liberal conspiracy**: the Congress for Cultural Freedom and the struggle for the mind of postwar Europe. New York: The Free Press, 1989.
- COLLON, Michel; TEST MEDIA INTERNATIONAL. **Ukraine**: la guerre des images. Brussels: Investig'Action, 2023.
- CREWDSON, John M. Worldwide propaganda network built by the CIA. **New York Times**, December 26, 1977.
- DIAMOND, Sigmund. **Compromised campus**: the collaboration of universities with the intelligence community, 1945-1955. Oxford: Oxford University Press, 1992.
- DIRECTORATE OF INTELLIGENCE, **France**: defection of the leftist intellectuals. Central Intelligence Agency, December 1, 1985.
- DUNBAR-ORTIZ, Roxanne. **An indigenous peoples' history of the United States**. Boston: Beacon Press, 2015.
- ENFU, Cheng. **China's economic dialectic**. New York: International Publishers, 2021.
- FOSTER, John Bellamy. **Trump in the White House**: tragedy and farce. New York: Monthly Review Press, 2017.
- FOUCAULT, Michel. **Dits et écrits 1954-1988**. Paris: Éditions Gallimard, 1994. v. 1.
- FRANCOVICH, Allan. **CIA documentary**: on company business [1980]. 175 min. YouTube, June 9, 2017. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=ZyRUlnSayQE>.
- FRASER, Nancy. Capitalism's crisis of care. **Dissent**, v. 63, n. 4, Fall 2016.
- GANSER, Daniele. **NATO's secret armies**. New York: Routledge, 2004.
- GILENS Martin; Page, Benjamin I. Testing theories of American politics: elites, interest groups, and average citizens. **Perspectives on Politics**, v. 12, n. 3, September 2014.
- GOWANS, Stephen. **Washington's long war on Syria**. Montreal: Baraka Books, 2017.
- GRAFTON, John (Ed.). **The Declaration of Independence and other great documents of American history 1775-1865**. Mineola, New York: Dover, 2000.
- GRÉMION, Pierre. **Intelligence de l'anticommunisme**: le Congrès pour la Liberté de la Culture à Paris, 1950-1975. Paris: Librairie Arthème Fayard, 1995.
- GREENEWALD, John. CIA MKULTRA/Mind Control Collection. **The Black Vault**, September 1, 2019. Disponível em: <www.theblackvault.com/documentarchive/cia-mkultra-collection>.

- HABERMAS, Jürgen **The new conservatism**: cultural criticism and the historians' debate. Cambridge: MIT Press, 1990.
- JACKSON, George L. **Blood in my eye**. Baltimore: Black Classic Press, 1990.
- JEFFRIES, Stuart. **Grand Hotel abyss**: the lives of the Frankfurt School. London: Verso, 2016.
- JOHN Stockwell, **The praetorian guard**: the U.S. role in the new world order. Boston: South End Press, 1991.
- KATZ, Barry M. **Foreign intelligence**: research and analysis in the office of strategic services, 1942-1945. Cambridge: Harvard University Press, 1989.
- KETCHAM, Ralph Louis (Ed.). **The anti-federalist papers and the Constitutional Convention debates**. New York: Signet, 2003.
- KRAUSHAAR, Wolfgang (Ed.). **Frankfurter Schule und Studentenbewegung**: von der Flaschenpost zum Molotowcocktail 1946-1995. Hamburg: Rogner and Bernhard GmbH and Co. Verlags KG, 1998. v. 1.
- LASHMAR, Paul; Oliver, James. **Britain's secret propaganda war**: 1948-1977. Phoenix Mill, UK: Sutton Publishing Limited, 1998.
- LEVINE, Yasha. **Surveillance valley**. New York: Public Affairs, 2018.
- MACLEOD, Alan. Meet the ex-CIA agents deciding Facebook's content policy. **MintPress News**, July 12, 2022a.
- _____. National Security search engine: Google's ranks are filled with CIA agents. **MintPress News**, July 25, 2022b.
- _____. The Federal Bureau of tweets: Twitter is hiring an alarming number of FBI agents. **MintPress News**, June 21, 2022c.
- _____. The NATO to TikTok pipeline: why is TikTok employing so many National Security agents?. **MintPress News**, April 29, 2022d.
- _____. (Ed.). **Propaganda in the information age**: still manufacturing consent. New York: Routledge, 2019.
- MARCHETTI, Victor; Marks, John D. **The CIA and the cult of intelligence**. New York: Dell Publishing Co., 1974.
- MASSOGLIA, Anna. Details of the money behind Jan. 6 protests continue to emerge. **OpenSecrets News**, October 25, 2021.
- MÜLLER, Tim B. **Krieger und Gelehrte**: Herbert Marcuse und die Denksysteme im kalten Krieg. Hamburg: Hamburger Edition, 2010.
- NEUMANN, Franz et al. **Secret reports on nazi Germany**: the Frankfurt School contribution to the war effort. Princeton: Princeton University Press, 2013.
- NORTON, Ben. **Postmodern philosopher Judith Butler repeatedly donated to "top cop" Kamala Harris**. December 18, 2019. Disponível em: <<https://bennorton.com/judith-butler-kamala-harris-donations>>.
- PAUWELS, Jacques R. **The myth of the good war**. Toronto: Lorimer, 2015.
- PEPPER, William F. **The plot to kill king**. New York: Skyhorse, 2018.
- ROCKHILL, Gabriel. Capitalism's court jester: Slavoj Žižek. **CounterPunch**, January 2, 2023a.
- _____. **Counter-history of the present**: untimely interrogations into globalization, technology, democracy. Durham: Duke University Press, 2017a.
- _____. **Critical and revolutionary theory**: for the reinvention of critique in the age of ideological realignment. in domination and emancipation: remaking critique. Lanham: Rowman and Littlefield Publishers, 2021.
- _____. Foucault: the faux radical. **Los Angeles Review of Books**, October 12, 2020a. Disponível em: <<https://thephilosophicalsalon.com/foucault-the-faux-radical>>.
- _____. Lessons from January 6th: an inside job. **CounterPunch**, February 18, 2022a.
- _____. Liberalism and fascism: the good cop and bad cop of capitalism. **Black Agenda Report**, October 21, 2020b. Disponível em: <www.blackagendareport.com/liberalism-fascism-good-cop-bad-cop-capitalism>.
- _____. Nazis in Ukraine: seeing through the fog of the information war. **Liberation News**, March 31, 2022b.
- _____. **Radical history and the politics of art**. New York: Columbia University Press, 2014a.

_____. The CIA and the Frankfurt School's anti-communism. **Los Angeles Review of Books**, June 27, 2022c. Disponível em: <<https://thephilosophicalsalon.com/the-cia-the-frankfurt-schools-anti-communism>>.

_____. The myth of 1968 thought and the French intelligentsia. **Monthly Review**, v. 75, n. 2, June 2023b, p. 19-49.

_____. The U.S. did not defeat fascism in WWII, it discretely internationalized it. **CounterPunch**, October 16, 2020c.

_____. The U.S. Is not a democracy, it never was. **CounterPunch**, December 13, 2017b.

RODNEY, Walter. **Decolonial Marxism**: essays from the Pan-African revolution. London: Verso, 2022.

_____. **Radical history and the politics of art**. New York: Columbia University Press, 2014.

_____. **The Russian Revolution**: a view from the Third World. London: Verso, 2018.

SAUNDERS, Frances Stonor. **The cultural Cold War**. New York: The New Press, 2000.

SCOTT-SMITH, Giles. **The politics of apolitical culture**: The Congress for Cultural Freedom, the CIA and post-war American hegemony. New York: Routledge, 2002.

SIMPSON, Christopher. **Science of coercion**: communication research and psychological warfare, 1945-1960. Oxford: Oxford University Press, 1996.

SMITH, David Michael. **Endless holocausts**. New York: Monthly Review Press, 2023.

STORING, Herbert J. (Ed.). **The complete anti-federalist**. Chicago: University of Chicago Press, 2008. v. 2.

TASK FORCE ON GREATER CIA OPENNESS. **Memorandum for director of central intelligence**, Task Force Report on Greater CIA Openness, December 20, 1991.

WHITMAN, James Q. **Hitler's American model**. Princeton: Princeton University Press, 2018.

WILFORD, Hugh. **The mighty Wurlitzer**: how the CIA played America. Cambridge: Harvard University Press, 2008.

ŽIŽEK, Slavoj. **1990 election debate in Slovenia**: first round. 9 min. YouTube, May 18, 2021. Disponível em: <youtube.com/watch?v=942h8enHCZs>.

_____. **The left must embrace law and order**. New Statesman, July 4, 2023a.

_____. Why the west will keep losing in Africa: neocolonialism is giving birth to a wretched authoritarianism. **New Statesman**, September 4, 2023b.